



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

Theo Lucas Santos Flores

Suásticas nas Arquibancadas: O Caso dos Ultras Neonazistas na Espanha

Brasília-DF

2019

THEO LUCAS SANTOS FLORES

**SUÁSTICAS NAS ARQUIBANCADAS: O CASO DOS ULTRAS NEONAZISTAS NA
ESPANHA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Departamento de História da UnB
como parte dos requisitos necessários
à graduação no curso de História.
Orientador: Bruno Leal Pastor de Carvalho

BRASÍLIA

2019

Theo Lucas Santos Flores

Suásticas nas Arquibancadas: O Caso dos Ultras Neonazistas na Espanha

A banca examinadora abaixo aprova o Trabalho de Conclusão de Curso do aluno

Prof. Dr. Bernardo Buarque de Hollanda (FGV)

Prof. Dr. Daniel Gomes de Carvalho

Brasília, 05 de Dezembro de 2019

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo analisar como o contexto sociopolítico da Espanha favoreceu o surgimento de uma torcida organizada de caráter neonazista do Real Madrid. Para tal será traçada uma linha de eventos da ditadura de Primo de Rivera ao fim do regime de Francisco Franco, levantando aspectos importantes nesse recorte temporal que possam ter favorecido o surgimento da torcida organizada em questão. Também será tratada a definição de *ultras*, seu surgimento e comportamento na Europa, e, em específico, na Espanha, usando os *Ultrassur* como exemplo.

Palavras – chave: Ultras; Nazismo; Fascismo; Futebol

Abstract: The article has as main goal to analyze how the Spanish social political context favor the beginning of the neonazi Real Madrid's ultras. For that will be outlined an event line from the Primo de Rivera Dictatorship to the end of Francisco Franco's regime, highlighting important aspects that may favor the creation of this ultras group. The definition of ultras will be also discussed, as well as it's beginning and behavior in Europe, and, specifically, in Spain, using the *Ultrassur* as an example.

Keywords: Ultras; Nazism; Fascism; Soccer

Suásticas nas Arquibancadas: O Caso dos Ultras Neonazistas na Espanha

Theo Lucas Santos Flores

É cada vez mais frequente perceber como a política se insere em outras áreas do dia a dia dos cidadãos. Um dos espaços no qual ela mais aparece, ainda que de forma sutil, é no esporte, mais particularmente no futebol, a categoria mais popular do planeta.

Ao longo das décadas do século XX, o futebol em geral foi palco de diversas manifestações políticas, tanto entre os atletas quanto nas arquibancadas. Com o avanço das guerras civis e dos nacionalismos e sentimentos independentistas na Europa, tais manifestações tornaram-se cada vez mais claras e recorrentes no esporte.

“A torcida é a alma do time”, alguns dizem, considerando-a tão vital que é vista como parte quase indissociável da equipe, ou ainda, como o “décimo segundo jogador”. Na Europa e na América latina, os chamados “Ultras” são considerados os responsáveis pelos efeitos nas arquibancadas e por nunca pararem de cantar e apoiarem o time.

Ao mesmo tempo que são conhecidos pelas festas nas arquibancadas, eles são os grupos mais temidos pelos rivais e, muitas vezes, por demais torcedores da mesma equipe. Geralmente compostos apenas por homens jovens, os ultras foram (e ainda são) fonte de muita briga e polêmica, especialmente na Europa.

Na Espanha, que é o foco desse trabalho, para se compreender o movimento dos “ultras”, é preciso saber a história contemporânea do país, sobretudo a longa e constante discussão entre fascismo e antifascismo. Até hoje, as alianças e rivalidades entre times e torcidas na Península Ibérica estão intimamente interligadas com a posição política da torcida. Ou seja, torcidas de cunho nacionalista (e geralmente fascista) costumam buscar o apoio de outras torcidas, ainda que de equipes diferentes, mas que compartilhem do mesmo pensamento político.

Contudo, há um caso que se destaca: o dos *Ultrassur*. Considerados por muitos como um dos grupos “ultras” mais perigosos da Europa, os *Ultrassur* são a torcida de extrema-direita do Real Madrid. Conhecidos pela violência dentro e fora dos estádios e também por frequentemente exibirem cartazes e bandeiras com cunho neonazista, além de entoarem cantos racistas (alguns até contra jogadores negros do próprio Real).

O presente artigo tem por objetivo analisar como o contexto sociopolítico da Espanha favoreceu o surgimento de uma torcida organizada de cunho neonazista do Real Madrid. Para tal será preciso examinar a história contemporânea da Espanha, em especial o regime ditatorial de Francisco Franco; perceber como política e o esporte estão relacionados; e, por fim, determinar como algumas medidas desse governo contribuíram para gerar tal embate entre nacionalistas e separatistas, fascistas e antifascistas, resultando na criação de torcidas organizadas como os *Ultrassur*.

Para a elaboração do artigo foi levado em consideração o livro do jornalista espanhol, Antonio Salas, que conseguiu se infiltrar nos *Ultrassur* e apresentou um pouco de sua história e operações. Por outro lado, o embasamento histórico e teórico do trabalho será pautado na questão de identidade e nacionalismo que o esporte, nesse caso o futebol, manifesta na Espanha e, sobretudo, na análise de David Westby, o qual considera que “Para estudar os ultras do futebol espanhol, deve-se traçar duas narrativas espanholas: um longo contexto entre o fascismo e o antifascismo, e a história dos torcedores de futebol””. (Westby, 2017, p. 15, tradução nossa)

Para isso, realizarei o cotejamento da literatura especializada, colocando em diálogo diferentes autores que trabalham o tema. Desse modo, serão utilizadas fontes que tratam do período que compreende das décadas de 1920 até 1970 e do final dos anos 1980 até o início dos anos 2000.

Contexto histórico da Espanha contemporânea

Entender o tema desse trabalho seria difícil sem um panorama político da Espanha, uma vez que a polarização política na sociedade espanhola começa ainda nos primeiros anos do século XX, se desenvolve durante a guerra civil (1936 – 1939), se agrava durante a ditadura franquista (1939 - 1975) e permanece até os dias atuais.

Desde o início do século XX, a Espanha, sofre com seguidas crises econômicas. A maior delas foi em decorrência do final da primeira mundial e se agravou após o crash da bolsa de Nova York, em 1929. Na época, diversas greves sindicais surgiram pelo país.

Buscando estabelecer a ordem no país, o general do exército espanhol, Miguel Primo de Rivera operou um golpe de estado em 1923 que culminou com a instauração de um governo ditatorial na Espanha. Em seu manifesto, a ideia era “poupar” o rei Alfonso XII das recorrentes greves e problemas financeiros pelos quais o país passava. A chegada de Primo de Rivera ao poder foi apoiada pelas burguesias dos principais centros urbanos da Espanha, em especial de Barcelona e da região da Andaluzia.

Durante o período de governo do general, a constituição espanhola foi suspensa, partidos políticos foram dissolvidos e foi declarado, por todo território, estado de guerra. Com as atitudes de Rivera, o parlamento também foi fechado.

Para conter as revoltas, Rivera instaurou um período marcado por forte repressão, com a censura do que era lido e publicado no país, assim como a supressão dos direitos civis. Esse período ficou conhecido como *Diretório Militar*, e durou dois anos (1923 – 1925).

Outra medida social protocolada pelo ditador, ainda nos primeiros dias de governo, foi a assinatura de um decreto que proibia a demonstração de outras nacionalidades que não fossem a espanhola. Ou seja, estava vetado o uso de línguas como o catalão e o basco, além de não serem permitidas a exibição de símbolos de cunho nacionalista, como bandeiras e faixas, que não estivessem ligados à Espanha.

Com o parlamento fechado, Primo de Rivera tornou-se chefe de estado e único ministro da Espanha, assumindo, assim, todas as funções do poder executivo. Foi instaurado um diretório militar com o objetivo de auxiliar o governo do general. O grupo era formado por um general de cada capitania espanhola, o Marquês de Magaz, o contra-almirante e representantes das forças armadas.

O Diretório Militar também fechou todos os sindicatos e perseguiu todos os “desordeiros” em território espanhol. Assim greves, passeatas, manifestações e demais atos por defesa ou

demanda de direito e/ou reformas progressistas foram duramente reprimidas por Primo de Rivera e seu exército.

Em 1925, iniciou-se o processo de abertura política. O Diretório Militar foi substituído por um civil e novos ministros foram eleitos como o ministro da fazenda, o ministro da graça e justiça e o ministro da instrução pública. De modo que o general não possuía mais o poder centralizado. A constituição, no entanto, continuava suspensa.

Devido à forte pressão social, à falta de apoio da burguesia (a mesma que havia ajudado o general a chegar ao poder), combinadas aos efeitos desastrosos que a crise de 1929 trouxe ao país, Rivera renunciou ao seu posto em 1930, para poupar a monarquia.

Os dois governos que o precedem não foram suficientes para contornar os problemas socioeconômicos e políticos da Espanha. Por ter sido considerada cúmplice dos governos militar e civil que seguiram-se, a monarquia logo tornou-se o principal alvo da oposição. Tanto que, em 1930, foi orquestrado, através do Pacto de San Sebastián, um golpe de Estado para derrubar o rei. No entanto, o plano não foi bem-sucedido, já que uma ação de inteligência do exército espanhol elaborou um atentado que matou o responsável pela execução do pacto.

Em 1931, com a retomada da constituição, reabilitação dos partidos políticos na Espanha e reabertura do parlamento, foram convocadas eleições emergenciais. Com os representantes republicanos recebendo o maior número de votos, o rei Alfonso XII compreendeu que não teria apoio popular suficiente para seguir no poder. Assim, o monarca renunciou o governo e se exilou.

Em abril daquele mesmo ano, a República da Espanha foi fundada. Com os liberais e o movimento sindical no poder, iniciou-se o processo por melhorias trabalhistas e outras propostas reformistas de caráter progressista. Além do liberalismo, a segunda república espanhola foi marcada pelo anticlericalismo.

Durante os três anos de governo (1931-1934) diversas igrejas, abadias e ordens religiosas foram assaltadas, depredadas e incendiadas. Em 1932, a Companhia de Jesus foi dissolvida pelo governo e teve todos seus bens em território espanhol confiscados. Tanta violência à Igreja era explicado pelo fato da religião católica estar sempre associada à monarquia espanhola, desde o início da concepção da nação. Logo, se a coroa caiu, a Igreja, como cúmplice, também deveria sofrer consequências.

Como contra ofensiva, a extrema direita e as elites criam o partido “Falange Tradicionalista Espanhola das Juntas Ofensivas Nacional-Sindicalista”, ou simplesmente *Falange*. Um dos seus fundadores era o filho do general Rivera, o José Primo de Rivera.

A Falange era a ala mais radical entre os conservadores. O partido possuía 26 pontos que norteavam seus princípios, entre os quais a defesa do nacionalismo espanhol e o combate aos

movimentos separatistas; o apoio à presença da Igreja na esfera política; a revitalização da coroa espanhola; e o uso da violência para garantir tais objetivos, quando necessário.

Com a eleição de um presidente socialista, os membros da Falange, liderados pelo general Francisco Franco e com o apoio da Alemanha nazista e da Itália de Mussolini, se rebelaram contra o novo governo e promoveram um golpe de Estado em julho de 1936, dando início a uma guerra civil na Espanha.

Travada entre 1936 e 1939, a guerra civil espanhola foi um marco na história do país. O conflito foi dividido entre os liberais, defensores da república e de modernizações na sociedade espanhola do início do século XX, e os falangistas e carlistas (com apoio da Alemanha e Itália), a ala conservadora da sociedade espanhola, que pleiteava a permanência do rei como chefe de Estado, bem como a aliança entre Igreja e Estado.

Além de ajudar com tropas e armas, a Alemanha, já sob comando de Hitler, aproveitou a guerra espanhola para testar suas armas, mísseis e também estratégias de guerra. Um dos resultados dos experimentos nazistas foi o bombardeio que destruiu a cidade basca de Guernica, em 1937, o qual inspirou a tática conhecida como “Blitzkrieg”, o ataque relâmpago, amplamente utilizado pela Luftwaffe na Segunda Guerra Mundial.

Enquanto isso, os republicanos e liberais contavam apenas com os operários e demais membros ideológicos (como socialistas e anarquistas). A União Soviética enviou poucos soldados para auxiliar no confronto. O maior efetivo veio de voluntários das brigadas internacionais, isto é, pessoas de várias nações que acreditavam e defendiam o socialismo, e que se voluntariaram para ajudar na causa e para combater o avanço fascista no mundo.

Em três anos de conflito foram 500 mil mortos e centenas de desaparecidos. A guerra terminou em 1939, com vitória dos falangistas e a ascensão do general Franco ao posto de chefe de estado da Espanha.

Na Segunda Guerra Mundial, Franco enviou tropas para ajudar a Alemanha nazista. Era uma forma de agradecimento ao apoio alemão durante a guerra civil espanhola. Por esse motivo, ao fim do conflito, a Espanha sofreu duros embargos, como o isolamento internacional dos Aliados. Tal medida contribuiu para agravar a crise econômica que o país enfrentava desde antes do começo da guerra civil, deixando a Espanha atrasada em relação às outras nações vizinhas que também sofreram com guerras

Apenas na década de 1950, no contexto da Guerra Fria, a Espanha saiu do ostracismo internacional ao tornar-se um ponto estratégico para os Estados Unidos. Com a abertura internacional e comercial, somada às mudanças na forma de conduzir a economia, o país ibérico teve uma das taxas mais altas de crescimento do PIB durante os anos 1950 e 1960, perdendo apenas para o Japão (Reuter, 2014).

O governo do general Francisco Franco estendeu-se de 1939 até sua morte, em 1975. Foi um período marcado por forte repressão às outras manifestações de nacionalidades (como a catalã e a basca, por exemplo) e a uma exaltação à única nacionalidade possível, a espanhola (ou castelhana). Além disso, era um governo que promoveu o catolicismo e um forte sentimento anticomunista na população, através da propaganda.

De acordo com o historiador Stanley Payne, Franco detinha mais poder que Hitler e Mussolini possuíram em seus respectivos ápices políticos, o que tornava a ditadura franquista o governo “mais puramente arbitrário do mundo” (Payne, 2000).

Em 1943, Franco criou as chamadas Cortes Espanholas, dando início a um breve pluralismo político, sem abdicar de ser a figura central do governo. As Cortes tinham como objetivo criar leis. Os ministros (ou procuradores, como eram chamados) eram nomeados e demitidos por Franco a qualquer momento. Era também o “Generalíssimo” quem decidia quais leis e ementas seriam legisladas e sancionadas.

O segundo plebiscito do governo franquista foi acerca da Lei Orgânica, em 1967. Tal medida iniciou, em tese, a limitação dos poderes de Franco. Dentre seus artigos, estava determinado a separação entre os cargos de “chefe de estado” e “presidente”, configurando que Franco seria o responsável por apontar o monarca sucessor de seu governo, e separando brevemente os poderes, o que conferiu mais autonomia às Cortes Espanholas.

Ainda que o nome oficial da Espanha fosse “Reino da Espanha” desde 1947, não houve indicação de um rei que sucederia o governo franquista até 1969. O General não queria que a velha monarquia reassumisse o trono, de modo que rejeitou o pedido dos carlistas para designar o Infante Juan de Barcelona, filho de Alfonso XII (o rei que abdicou) ao trono. Franco ofereceu a coroa a Otto Van Habsburg, o qual negou a oferta e sugeriu que Juan Carlos Bourbon fosse o escolhido. A indicação foi acatada e em 1969, Franco nomeia Juan Carlos como seu sucessor.

O plano inicial de Franco era que a redemocratização fosse conduzida por Luis Carrero Blanco, no entanto este foi assassinado em 1973, mesmo ano no qual o processo de transição governamental começou na Espanha.

Já debilitado por conta da idade e do estado de saúde, Franco nomeou Arias Navarro (substituto de Blanco) como novo chefe de estado. Navarro tinha como missão preparar o país para o próximo governante. Devida às suas posições políticas, o novo chefe de Estado não conseguiu implementar muitas das mudanças que pretendia. Por um lado a extrema direita o achava muito liberal, por outro, a oposição considerava suas propostas muito simples e logo as rejeitava.

Franco morreu dois anos após o início da redemocratização espanhola. Pelos termos previstos na Lei Orgânica da Espanha, Juan Carlos reassumiu o trono e o país Ibérico voltou a ser

uma monarquia parlamentarista. As mudanças políticas e sociais na Espanha começam, de fato, apenas um ano depois, em 1976, com Adolfo Suárez, sucessor de Navarro.

Durante a Era Franco, foi importante promover uma boa imagem do país. Especialmente quando havia várias denúncias de violações de direitos humanos e acusações de um governo extremamente autoritário. Para tal, a principal ferramenta encontrada foi, justamente, o futebol.

Esporte e política

Ao longo do século XX, o esporte foi palco de diversas manifestações políticas, tanto entre os atletas quanto nas arquibancadas. Com o avanço das guerras civis e dos nacionalismos e sentimentos independentistas na Europa, tais manifestações tornaram-se cada vez mais claras e recorrentes.

Eventos esportivos têm sido palco recorrente para protestos e demonstrações de apoio (ou crítica) a governos, ideologias, conflitos e injustiças.

Em 1936, por exemplo, durante as olimpíadas de Berlim, o afro-americano Jesse Owens venceu todas as principais provas de atletismo aos olhos de Hitler. Durante a cerimônia de premiação o Führer recusou-se a cumprimentar o grande vencedor do atletismo. Algumas edições olímpicas depois, em 1968, na Cidade do México, dois atletas da delegação norte-americana de atletismo também utilizaram da visibilidade do pódio como palco para protestos. Em meio à segregação racial em seu país natal, Tommie Smith e John Carlos, ouro e bronze, respectivamente, ouviram o hino nacional dos Estados Unidos com a cabeça abaixada e os punhos elevados, saudação clássica dos Panteras Negras.

Considerado o maior pugilista da história, Muhammad Ali se recusou a juntar-se ao pelotão norte-americano que partiria para a Guerra do Vietnã em 1967. Como punição a sua recusa, Ali perdeu todos os títulos que conquistara até ali e foi proibido de lutar por três anos e meio.

Ainda nos Estados Unidos, porém em 2016, em meio à sequência de episódios violentos da polícia norte-americana contra cidadãos negros, alguns jogadores afro-americanos se ajoelhavam durante a execução do hino dos Estados Unidos como forma de protesto. O precursor do protesto, Colin Kaepernick, então jogador do San Francisco 49ers, foi demitido da equipe e proibido pela NFL de atuar no esporte profissional.

Dentre os esportes, o futebol acaba tendo destaque por ser o esporte mais popular do planeta, com cerca de 3,5 bilhões de espectadores. Por isso, a maioria das manifestações políticas ocorrem durante as partidas desse esporte. Desse modo, é possível utilizar o futebol como ferramenta para compreender melhor os conflitos históricos daquela região e também a sociedade e seu comportamento através da torcida, seus cânticos e seus gestos.

Futebol e política

Em 1969, aconteceu a “Guerra do Futebol, entre El Salvador e Honduras. No contexto histórico dos dois países da América Central havia um grande fluxo migratório de El Salvador para Honduras, o que estava causando pedidos por reformas agrárias ou pela expulsão dos imigrantes. A tensão entre ambas nações se acirrou com uma série de partidas qualificatórias para a Copa do Mundo de 1970. Com um gol marcado nos minutos finais da última partida disputada, El Salvador se classificou para o mundial. Três semanas depois, a guerra estourou na região, motivada pelo sentimento patriótico que os jogos trouxeram às duas nações.

Durante a década de 1990, no Leste Europeu, com a dissolução da Iugoslávia e processo de independência e formação de diversos países na região, o futebol tornou-se um meio de afirmação da nacionalidade. Em 1990, com a iminência do fim da União Soviética, as lutas independentistas na região começaram a eclodir e, para muitos pesquisadores, o futebol funcionou como um catalisador dessa guerra. Uma das partidas mais memoráveis acontece em maio de 1990, entre o Estrela Vermelha de Belgrado, da Sérvia, e o Dínamo Zagreb, da Croácia, onde as primeiras brigas entre as torcidas de ambos países aconteceram, levando rapidamente ao conflito armado entre os exércitos das futuras nações.

Mais recentemente, é possível citar dois principais acontecimentos que marcaram a Copa do Mundo da Rússia 2018. O primeiro foi a comemoração do gol de Shaqiri, jogador nascido no Kosovo e naturalizado suíço, contra a Sérvia, ao fazer o símbolo da águia de duas cabeças (símbolo da bandeira da Albânia).

O outro, foram vídeos vazados do vestiário da Croácia, vice-campeã da mesma edição, onde o zagueiro Domogoj Vida e um membro da comissão técnica apareceram gritando “Glória à Ucrânia”, após eliminarem a seleção anfitriã do torneio nas quartas de final. O vídeo foi recebido negativamente pela mídia e pelos torcedores russos, que alegaram se tratar de uma provocação em relação ao conflito entre Ucrânia e Rússia pela anexação da região da Crimeia.

No Brasil, a “Democracia Corinthians” marcou história, quando os jogadores do clube entraram em campo com mensagens incentivando a população a votar no período da redemocratização.

As ditaduras ao redor do mundo comumente utilizam do futebol para promover a imagem do país, para apaziguar o descontentamento da população com o governo e desviar a atenção do povo e da mídia de acusações que estejam sofrendo. A utilização do futebol como vitrine para a nação foi de níveis nacionais, através de clubes, às seleções, especialmente em anos de Copa do Mundo.

A grande maioria dos governos fascistas/nazistas na Europa usaram o futebol como ferramenta popular. Na Alemanha, o clube foi o Schalke 04. Na Itália, a Roma. E na Espanha, foi o Real Madrid.

Um dos primeiros relatos desse fenômeno foi a propaganda fascista de Mussolini antes, durante e após a conquista da seleção italiana em 1934, em pleno Estádio Nacional do Partido Nazionale Fascista, em Roma. O estádio foi demolido dando espaço ao Olímpico de Roma.

Mussolini desejava que a Itália sediasse o evento para mostrar a superioridade do país e a grandeza do partido fascista italiano. Com a vitória da “Azzurra” a publicidade exaltava o feito da seleção e confirmava o que o Duce dizia antes do início dos jogos, em relação à superioridade italiana.

No mesmo país, surgiu uma equipe que, com o passar dos anos foi se alinhando à extrema-direita. A Lazio nasceu em um bairro burguês e logo criou uma rivalidade com a equipe dos trabalhadores e da comunidade judaica da capital italiana, AS Roma.

Hoje, o clássico entre Lazio e Roma, conhecido como Derby della Capitale, é considerado um dos mais violentos da Itália e do mundo. Além da rivalidade local, há o componente político muito forte por trás. São as marcas que o governo de Mussolini deixou na sociedade romana e que se expressam de forma mais latente durante as partidas de futebol.

Boa parte dessa expressão política vem da torcida organizada da Lazio, os *Irriducibili*. Tida como um dos principais expoentes neonazistas nas arquibancadas da Europa, os *Irriducibili* chamam atenção pelos cartazes que mostram nas partidas, a maioria de cunho racista e antisemita, e também pelas marchas, com os braços estendidos em saudação nazista, nas ruas próximas ao estádio Olímpico de Roma antes dos jogos.

Assim como a maioria dos ultras, os *Irriducibili* foram criados na metade dos anos 1980, quando a onda *hooligan* começa a se expandir e a sair de seu local de origem, a Inglaterra. Iniciado no início da mesma década, o movimento tem por característica básica a representação da resistência da classe operária na forma de “uma resposta democrática a elitização do futebol” (Taylor, 1971: 369 apud Spaaij, 2007).

Há dois tipos de ultras, o “estilo” italiano e o inglês (Spaaij e Viñas, 2005). O primeiro está mais intimamente ligado às festas nos estádios, com coreografia, rojões, bandeiras, e outros artigos de festa. No entanto, o fazem sem negligenciar a questão política atrelada ao time ou à situação sociopolítica no país. Enquanto o segundo modelo é conhecido pela violência e constante enfrentamento, seja com torcidas rivais ou a polícia.

Em ambos os casos, ser um *ultra* está intimamente relacionado com lealdade e pertencimento a um grupo, “com o uso de símbolos, tais como bandeiras, hino, uniforme,

monumentos ou eventos, membros são exaltados por seu senso de identidade em comum e pertencimento” (Smith, 1991 apud Rojo-Labaien 2014).

O termo “ultra”, de acordo com a historiografia, teria surgido em 1986, quando os casos de violência causados pelos grupos pertencentes às torcidas organizadas começaram a ser noticiados pela imprensa. Assim, a palavra “ultra” surgiu como uma forma simplificada de “ultraderecha”, extrema direita (Spaaij e Viñas, 2005).

Há seis elementos comuns em todos os grupos ultras/hooligans apresentam: “excitação e prazer emocional, masculinidade exacerbada, identificação territorial, gerenciamento de reputação individual ou coletiva, senso de solidariedade e pertencimento, e representação de soberania e autonomia” (Spaaij 2008).

Tais elementos podem aparecer simultaneamente ou apenas alguns dos citados. Essa combinação depende do contexto social no qual a torcida está inserida e, também, do estilo que a mesma apresenta.

Ainda que o movimento seja, geralmente, associado apenas à violência, existe um código de conduta entre a maioria dos membros ultras, como a política de não agressão àqueles torcedores que não fazem parte de nenhuma torcida organizada ou o controle de uma briga justa, com número equivalente de participantes (Spaaij, 2008).

Na maioria dos casos, as brigas acabam sendo motivadas apenas pelo desejo e a adrenalina de estar em um conflito. Além da necessidade, já citada, de se provar mais forte e “mais homem” que o adversário, especialmente contra uma torcida do time rival. Contudo, há casos onde a rivalidade não está ligada apenas à disputa regional ou por títulos, mas sim depende e se baseia em uma questão sociopolítica.

Atualmente, o maior exemplo é o comportamento dos torcedores na Espanha. Onde a disputa “fascismo x antifascismo” aparece, frequentemente, nas arquibancadas e também é motivo de embate entre torcidas fora dos estádios, gerando um movimento *ultra* entre o modelo inglês e o italiano. É nesse cenário que surge a torcida ultra do Real Madrid, os *Ultrasur*. De forte caráter fascista e até neonazista, são os principais aliados dos, já mencionados, *Irreducibili*.

Governo Franquista e o futebol

A época moderna do futebol, é aquela que iniciou-se com sua popularização e teve como principal característica sua associação com estados nacionais em afirmação durante o século XX (Giulianotti, 1999 apud Magalhães, 2011). Esse foi um dos motivos pelos quais as ditaduras, frequentemente, utilizavam o futebol como forma de propaganda.

Durante o governo de Franco, houve proibições de demonstrações de nacionalidades que não a espanhola, como por exemplo, o uso de bandeiras e símbolos relacionados à Catalunha, ao País Basco, à Galícia, para citar alguns. Para Franco, e seus apoiadores, havia apenas uma nação, dotada de território único e indivisível.

Assim que assumiu o governo, Franco buscou consolidar o chamado “nacionalfutbolismo” (Westby, 2017). Tal expressão significava construir e manter o nacionalismo espanhol a partir do futebol. Para tal, o Generalíssimo, escolheu o Real Madrid como o símbolo da Espanha nos gramados. O esporte, sobretudo o futebol, era questão de Estado, e, por isso, tanto o exército quanto órgãos do governo estavam autorizados a interferir, em qualquer nível, para que a política do regime fosse respeitada (Calleja, 2014).

Enquanto o Real Madrid atingia um novo nível dentro do futebol espanhol, outros times sofriam com a chegada de Franco ao poder. O Barcelona e o Athletic Club de Bilbao foram os que mais sofreram durante esse período. O time catalão teve presidentes e membros perseguidos pelo exército, sendo, depois de poucos meses, gerenciado por representantes do governo. Já a equipe basca foi obrigada a mudar seu nome, de modo a adotar a grafia castelhana, como forma de reforçar a nacionalidade espanhola.

Antes mesmo do período Franquista, o Real Madrid já realizava diversas excursões no exterior. Eram torneios amistosos contra equipes de países aliados do Estado espanhol. As boas atuações dos jogadores dentro e fora de campo, logo geraram diversos elogios à delegação madridista. O clube merengue era sempre recebido com festa, em especial quando as partidas aconteciam em países americanos, como a Colômbia e o México.

Neste contexto, pré-Guerra Civil, o Real Madrid já apresentava uma postura de representante da nacionalidade espanhola. O chefe da delegação da grande excursão no continente Americano de 1927, Santiago Bernabéu, afirmou que “Diferentemente das excursões das outras equipes de lá (da Espanha), nosso objetivo era puramente desportivo. Cobrimos gastos, fizemos propaganda espanholista, com todas as testemunhas, e como não custou um centavo ao Club, ainda que não tenha ganhado nada, nos damos por muito satisfeitos” (Calleja, 2014; tradução nossa).

O potencial midiático e popular que a presença do Real Madrid em cidades estrangeiras causou, na década de 1920, logo foi notado por Francisco Franco. Ao ponto de, em uma das viagens da equipe merengue, o ministro da Informação e do Turismo espanhol de 1969 a 1973, Alfonso Sánchez Bella, classificar o Real Madrid como “a melhor embaixada que já enviamos ao estrangeiro” (Arquivo do Ministério de Relações Exteriores Espanhol, leg. R-8622, exp. 8 apud Calleja, 2014; tradução nossa).

Em conjunto com o projeto de revigorar a equipe do Real Madrid, que viveu um período de crise durante o apogeu do governo Franquista, decidiu-se realizar outras viagens para disputa de

amistosos. A escolha dos países e também das equipes com as quais o Madrid jogou está intimamente relacionada, pelo menos na década de 1940, com o bloqueio sofrido pela Espanha. O assunto era tratado com tanta seriedade pelo governo que o Ministério de Assuntos Exteriores espanhol expediu instruções a respeito da organização desses amistosos, sugerindo “evitar que a seleção espanhola jogasse contra ‘não-amigos’ declarados, mas permitindo encontros locais, ou de clube com clube, assim como nossa intervenção na Copa Latina, devido ao seu caráter racial, do qual não estamos afastados” (AMAE, leg. R-2586, exp. 46 apud Calleja, 2014; tradução nossa)

Pouco depois foi adicionada a instrução de não marcar nenhuma partida, seja contra outra seleção ou equipe estrangeira de nível superior ao selecionado espanhol, de modo a evitar derrotas. Essa nova determinação também refletia internamente, uma vez que assim seria impossível acontecer uma partida contra uma seleção catalã ou basca, evitando que a Espanha fosse derrotada por esse grupo (López, 2012).

Os “anos dourados” do Real Madrid (1955 – 1966) coincidem com o período de abertura política espanhola. Com o fim do ostracismo determinado pelos Aliados no pós-guerra, surgiu a oportunidade de relançar o time no cenário internacional.

Além de contratações de peso, que marcaram a história do futebol, como a de Alfredo Di Stéfano e Ferenc Puskas, ambos na década de 1950, os “Blancos” participaram ativamente do novo cenário internacional de clubes europeu. Com a dupla, o Real Madrid alcançou a incrível marca de seis títulos consecutivos da *Champions League*, feito que até hoje não foi repetido.

Com o início do desgaste do Franquismo, as vitórias do Real Madrid nos campos de futebol se tornaram primordiais para manter o orgulho nacionalista, pelo menos de boa parte da população espanhola. Este ponto era muito importante dentro da ideologia fascista, e era imprescindível manter a imagem de uma Espanha forte em todas as áreas da vida social. Com o esporte não seria diferente.

As vitórias do Real Madrid, sobretudo as seis taças consecutivas vencidas na *Champions League*, foram atos sociais endossados pelo regime de Franco. Com o discurso nacionalista, mostrando uma Espanha superior às demais nações, em especial aquelas que participaram do bloqueio infligido aos espanhóis (Calleja, 2014).

No entanto, a política franquista de exaltação da nacionalidade espanhola através do esporte também sofreu revés pelas mesmas vias. Ao mesmo tempo em que os defensores da Espanha unitária torciam pelas cores do Real Madrid, os habitantes de regiões como o País Basco e a Catalunha passaram a identificar nos clubes locais uma maneira de demonstrar sua própria nacionalidade e também a levantar-se pela luta antifascista (Westby, 2017).

Com o fim da ditadura e a elaboração da nova constituição monarquista parlamentarista, foi votada a questão das nacionalidades existentes no território espanhol. A dúvida era se a expressão das mesmas continuaria sendo censurada e proibida, ou se haveria uma liberação quanto a isso.

Atualmente, a Espanha possui 17 comunidades autônomas, dentre as quais se destacam, por recorrentes protestos separatistas, a Catalunha, o País Basco, a Andaluzia e a Galícia. O legado do regime Franquista, continuado pelos debates para a elaboração da constituição espanhola de 1978, a respeito dos diversos nacionalismos presentes no território foi materializado nos artigos 148 e 151 do documento.

Ambos artigos garantem que tais regiões tenham status de autonomia, o que atesta, de certa forma, a diferença entre elas e a Espanha central. Contudo, o artigo 148 limita o espaço autônomo das regiões, no tocante às decisões referentes a assuntos autorizados, enquanto que o artigo 151 trata do processo necessário para a solicitação de separação. A elaboração dessas normas visa manter a unidade espanhola, já que, seria extremamente difícil conseguir a independência dessas regiões autônomas por vias constitucionais.

É interessante notar que nesse contexto de fim da censura e da proibição dos nacionalismos na Espanha, o Athletic Club e, principalmente, o Barcelona começaram a ganhar força e a vencer competições importantes. Da década de 1980 ao início do século XXI, o Barcelona praticamente equiparou-se ao Real Madrid, em nível de títulos nacionais e plantel.

Com a ascensão dos movimentos separatistas basco e catalão, motivados tanto pelas vitórias políticas (aprovação dos artigos da constituição), quanto pelas esportivas, houve o acirramento da polarização entre fascismo e antifascismo; e entre constitucionalistas e separatistas. A disputa facilmente extravasou a esfera política e começou a aparecer dentro do âmbito esportivo.

Dada a forte aproximação entre futebol e política na Espanha, as arquibancadas logo foram preenchidas por torcidas politizadas. O viés político desses apoiadores foi fundamental para definir diversas rivalidades futebolísticas. Ao contrário de muitos outros países, os clássicos no futebol espanhol não são definidos apenas pela competição dentro da cidade, mas principalmente pelo antagonismo político, dentro da polarização apresentada.

Os dois principais clássicos, não regionais, do futebol espanhol refletem bem esse tipo diferente de rivalidade. Pelos motivos políticos e pela ascensão das demais nacionalidades no final do século XX e início do XXI, o maior clássico espanhol é Real Madrid x Barcelona, chamado de “El Clásico” (O clássico). Além dele, Real Madrid x Athletic Club também ganhou bastante visibilidade, especialmente nos anos de grande atividade do ETA, sendo apelidado de “Otro Clásico” (outro clássico).

Ultras na Espanha

Dentro do espaço do futebol há a ideia de que a rivalidade, ainda que com contornos políticos, não ultrapassaria o campo. Ela deveria ser apenas uma guerra simbólica entre os dois lados, gerando a ideia de que ninguém, sejam torcedores ou jogadores, sairá machucado desse embate (López, 2012). Possivelmente, por esse pensamento que o surgimento e as contínuas ações dos ultras assustam tanto as pessoas.

Costumeiramente associados à violência, os ultras consideram-se diferentes dos demais torcedores, devido a sua imensa paixão e lealdade ao time. Ainda que a violência, influenciada pelo movimento *hooligan* inglês, seja recorrente, a base das rivalidades e embates de torcidas organizadas espanholas é diferente das demais na Europa.

Na Espanha, os ultras são essencialmente definidos pela polarização fascismo x antifascismo e separatistas x constitucionalistas. De modo geral, não são admitidos torcedores separatistas em torcidas organizadas de cunho fascista, e constitucionalistas não são bem-vindos em organizadas antifascistas (Westby, 2017).

Diferentemente de outros países, as brigas de rua entre torcidas organizadas na Espanha não estão relacionadas exatamente com a rivalidade futebolística, mas sim com a divergência de pensamento político. Enquanto em outras culturas *hooligan*, os confrontos entre os ultras são apenas um lazer, geralmente organizado e com regras preestabelecidas, nas ruas espanholas eles são espontâneos.

““É uma guerra, e ela tem mais a ver com o legado de Franco do que com a partida de futebol da semana”” (Westby, 2017, p. 49, tradução nossa)

Os elementos das duas ideologias apareciam fortemente nas arquibancadas dos estádios espanhóis, especialmente entre o final dos anos 1980 e início do novo milênio. Cantos racistas, xenófobos e insultos dirigidos aos pertencentes às regiões autônomas eram marcas registradas dos ultras de características fascistas (Westby, 2017). No entanto, uma torcida sobressaiu nesse espectro: os *Ultrassur*. A torcida organizada do Real Madrid deixou de apenas proferir ofensas e a se posicionar contra a expressão de outras nacionalidades, e adotou um comportamento mais agressivo.

Os Ultrassur

Os *Ultrassur* começaram a ter forte influência do movimento neonazista do final dos anos 1980, proveniente da Inglaterra e da Alemanha. Assim, dentro dos estádios faixas e bandeiras com símbolos nazistas e falangistas começaram a aparecer com mais frequência. Os cantos ganharam

coreografias, como a tradicional saudação nazista. O caso mais emblemático, talvez tenha ocorrido na partida entre Real x Atlético Madrid na temporada 1991/1992, quando os *Ultrassur* montaram um mosaico com um grande navio Viking na arquibancada.

Diferente das demais torcidas organizadas na Espanha, os *Ultrassur* eram conhecidos por atacar qualquer grupo de torcedores da equipe rival, a política era, teoricamente, relevada. A lista de conflitos envolvendo os *Ultrassur* é extensa, e tem início logo nos primeiros anos de formação do grupo.

O primeiro incidente foi na temporada 1982-1983, quando a derrota para o Valência resultou na perda do título do campeonato espanhol. Indignados, os ultras que viajaram para acompanhar a partida prontamente agrediram todos os torcedores com camisetas do time adversário que viam pela frente.

Pouco depois do episódio em Valência, disputando a final da Copa del Rey contra o Barcelona, os *Ultrassur* voltaram às páginas de jornais ao envolverem-se em brigas contra torcedores do time catalão antes e depois da partida.

Na temporada 1985-1986, o grupo destruiu um bar, que era ponto de encontro de torcedores do Barcelona, em Alicante às vésperas de um El Clásico. No mesmo ano, os *Ultrassur* invadiram o estádio Vicente Calderón, antiga casa do Atlético de Madrid, e espancaram torcedores atleticanos.

Na temporada seguinte, os *Ultrassur* se consolidaram enquanto ultras ao aparecerem, pela primeira vez, na televisão espanhola. Os anos de 1986 e 1987 foram marcados pela internacionalização da violência desse grupo, a qual atingiu seu auge no segundo jogo da semifinal da *Champions League* dessa temporada, entre Real Madrid e Bayern de Munique.

Na Alemanha, os merengues perderam de 4x1 e na volta ganharam apenas de 2x0, resultado insuficiente para avançarem para a final da competição. Revoltados, os *Ultrassur* atiraram diversos objetos no gramado, o que acarretou em uma punição de dois jogos com portões fechados e multa ao Real Madrid.

O episódio gerou forte raiva nos outros adeptos dos Blancos e da imprensa espanhola em geral. Com isso diversos protestos irromperam, pedindo o afastamento e a proibição dos ultras no Santiago Bernabéu, estádio do Real Madrid. As manifestações não surtiram efeito e o grupo continuou frequentando os jogos do time.

Na temporada de 1987/1988 aconteceu o ataque mais violento da história do futebol espanhol. Durante um clássico da capital, entre Real Madrid e Atlético de Madrid, no qual os merengues foram derrotados, no Bernabéu, pelo placar de 4x0. Indignados, os *Ultrassur* invadiram o espaço destinado ao grupo da Frente Atlético, a torcida organizada rival, e espancaram seus membros, que estavam em menor número e sem escolta policial. Mesmo com o choque deixado

pela brutalidade com a qual os *Ultrassur* atacaram seus rivais, foi apenas em 1990 que a torcida foi escoltada por policiais para uma partida contra o Atlético de Madrid, de modo a evitar confrontos.

Contudo, o erro policial voltaria a ser repetir no mesmo ano. Dessa vez as vítimas foram os membros do *Boixos Nois*, os ultras do Barcelona, os quais, na ocasião, visitavam o Santiago Bernabéu para um El Clásico pela primeira vez.

Antonio Salas, jornalista espanhol que se infiltrou no mundo ultra, narra as vivências que teve após pouco mais de um ano infiltrado na *Ultrassur*. Desse modo, ao ver de perto tudo que os ultras faziam, Salas tornou-se uma das principais fontes no assunto na Espanha.

No livro, que serviu como base para uma investigação policial que culminou na prisão de diversos líderes da torcida organizada do Madrid, Salas apresenta graves denúncias, comprovando como os *Ultrassur* recebiam forte apoio das diretorias do Real Madrid desde o início de atividade do grupo até os anos 2000, quando o apoio foi, aos poucos minguando, até resultar na expulsão do grupo das dependências do Santiago Bernabéu em 2013, durante a presidência de Florentino Pérez.

Ramon Mendoza foi o presidente que mais deu suporte ao grupo. Ele chegou até a ser entrevistado pelos *Ultrassur*, na edição número 15 de 1997 da revista da torcida organizada “Nel Fondo Hay Lugar”, onde afirmou que “hoje, se eu tivesse 20 anos, seria *Ultrassur*” (apud Salas, 2006).

O presidente não apenas presenteava os ultras com ingressos (os quais estes os vendiam horas antes da partida), como permitia que a torcida utilizasse alguns dos depósitos do estádio para guardar seus equipamentos, bandeiras, faixas e instrumentos. Salas ainda conseguiu a confissão de que a diretoria do Real deu cópias de chaves que possibilitavam o acesso da *Ultrassur* a todas as dependências do estádio.

Além do presidente Mendonza, o grupo ultra conseguiu, por diversas vezes, entrevistas e fotos de astros do Real Madrid posando com acessórios dos *Ultrassur*. Ídolos como Casillas, Guti, Figo e, principalmente, Raúl, foram alguns dos que posavam para a mesma revista “Nel Fondo Hay Lugar”.

Os jogadores também presenteavam o grupo com camisas e bolas autografadas para auxiliar nas rifas que os *Ultrassur* vendiam, para custear viagens para acompanhar o Real Madrid pela Espanha e pela Europa. Havia um peso significativo, talvez até maior do que o apoio da diretoria, ver vários dos principais jogadores dos merengues concordarem em tirar fotos ou conceder entrevistas para os *Ultrassur* sem cobrar nada por isso.

O caso chamou bastante a atenção da mídia espanhola na época. Tanto que algumas das fotos foram reproduzidas na matéria sobre o apoio dos jogadores aos *Ultrassur* na edição de 21 de março de 2001 do jornal “El País” (Salas, 2006). Mesmo com a polêmica gerada pela reportagem, Raúl, um dos maiores artilheiros da história do Real Madrid, realizou outra entrevista para a revista

dos ultras. E, para a imprensa “comum”, nenhum jogador ou membro da diretoria madridista mencionou o fato da torcida organizada levar bandeiras e proferir cantos de caráter neonazista nas arquibancadas em todos os jogos.

Para Salas, há três possíveis respostas para esse apoio: atmosfera de jogo; medo; e política. A primeira está relacionada à torcida e ao clima que os *Ultrasur* levavam aos jogos. Mesmo perdendo, o grupo não parava de cantar e de apoiar o time, fazia parte da “guerra psicológica” das arquibancadas.

Por outro lado, o medo era real, tanto da diretoria quanto dos jogadores. Ainda mais depois de outra matéria publicada pelos jornais, dessa vez pelo Marca, que denunciava que um jogador do Atlético de Madrid havia sido cobrado por membros da Frente Atlético por não ter contribuído com doações, como os demais, para ajudar a financiar a viagem do grupo.

Por fim, havia a questão política de dentro do clube. Sabendo do histórico violento dos ultras e da alta mobilização do grupo, era preferível manter certo grau de amizade, tanto para ajudar a ser eleito presidente do Real Madrid, quanto para evitar represálias. Alfonso Ussía, por exemplo, foi vítima do não alinhamento com os *Ultrasur*. Ussía concorreu para o cargo de presidente do Real Madrid, porém, ao não manifestar interesse em estabelecer relações com os ultras não apenas perdeu as eleições, como frequentemente via seu gabinete eleitoral ser alvo de vandalismo e ter suas paredes pichadas com símbolos nazistas.

A visibilidade que os grandes jogadores do Real Madrid tinham impactava nos negócios da *Ultrasur*, especialmente depois que as fotos onde astros como Raúl e Figo apareciam posando com cachecóis do grupo vazaram. Antes dos jogos, havia sempre uma barraca montada em um dos portões de acesso ao Bernabéu com artigos dos *Ultrasur*. Era possível comprar bandeiras, faixas, cachecóis, camisas, chaveiros, etc. Todos com a marca do grupo ou com símbolos nazifascistas.

Após o banimento do grupo das dependências do estádio, as vendas presenciais também foram suspensas. No entanto, elas continuam existindo, sobretudo na internet. Em páginas e contas oficiais dos *Ultrasur* nas redes sociais há diversos anúncios dos produtos vendidos pelo grupo. Cada postagem anunciando um novo lote de vendas apresenta um link, que redireciona as páginas para o site oficial de vendas dos ultras.

Ou seja, os *Ultrasur* ganharam tanto destaque que começaram a apresentar características de marca. Na Itália, há um fenômeno parecido apresentado pelos *Irreducibili*, aliados dos *Ultrasur*. No entanto, em Roma, o patamar é mais elevado, visto que a “franquia” dos ultras da Lazio possui uma loja física, vendendo todos seus artigos e acessórios, nos mesmos moldes de seus parceiros espanhóis.

Considerações finais

Por ser um retrato do que é a sociedade, o futebol é frequentemente utilizado como palco e ferramenta políticas. Na Espanha, o contexto histórico, traçado desde a ditadura de Primo de Rivera, passando pelo período republicano e atingindo o seu auge no franquismo, favoreceu a polarização entre constitucionalistas x separatistas, fascistas x antifascistas. Tal conflito ideológico esteve, de certo modo, adormecido nos primeiros anos dos anos 2010, até voltar com força em 2017, com o plebiscito para a independência da Catalunha.

Aproximando-se ao governo e à ideologia de Franco, ainda que não transparecesse nenhum posicionamento político explícito, como o Barcelona, ao ser colocado no lado oposto ao do time catalão e por se deixar realizar o papel de ferramenta política e midiática da ditadura, atraiu simpatizantes da ideologia fascista e, posteriormente, neonazista para as arquibancadas. Assim, a equipe que, ironicamente, nunca demonstrou um viés ideológico ao longo dos anos, prontamente foi convertida em um símbolo nacionalista da ditadura franquista. “É certo que o Real Madrid permitiu, voluntaria e conscientemente, sua utilização como embaixador oficial, sem provocar nenhuma situação conflituosa e sem renegar nem o regime político espanhol e nem o de seus dirigentes” (Shaw, 1987 apud Calleja, 2014; tradução nossa)

A polarização existente na Espanha, como legado de Franco permitiu o surgimento, não apenas dos *Ultrasur*, mas de outras torcidas organizadas com a mesma vertente ideológica. O projeto de “nacionalfutbolismo” (Westby, 2017) do Generalíssimo, que previa, inicialmente, garantir que a população espanhola, como um todo, partilhasse do mesmo sentimento nacionalista, ou seja, de uma Espanha una e indivisível, onde as demais expressões nacionalistas seriam ignoradas, teve o resultado oposto.

O ditador criou o ambiente perfeito para a exaltação dos chamados “regionalismos” e também para o embate entre antifascistas e fascistas. Através do esporte era possível exaltar a cultura e a identidade de cada região, e a questão identitária no futebol espanhol perpassa tanto pelo clube de futebol, quanto pela posição política que o mesmo carrega historicamente. A ideia inicial de criar um ambiente e uma nova cultura que uniria ambos os lados sob uma mesma identidade rapidamente foi dissolvida, deixando um legado que favoreceu a presença de grupos de ideologia política nas arquibancadas, dentre eles os neonazistas.

Mesmo a proibição e a dissolução momentânea dos *Ultrasur* das arquibancadas do Santiago Bernabéu não foram suficientes para desmoralizar e extinguir completamente o apoio de seus membros. Em sites na internet e em páginas nas redes sociais, esses membros continuam ativos, postando textos e vídeos em blogs, marcando encontros em bares para assistir aos jogos, comentando e compartilhando vídeos antigos com contagem regressiva para o retorno do grupo às

arquibancadas, vendendo produtos com a marca “Ultrassur” e recebendo elogios e votos de que retornem prontamente aos estádios.

São momentos como esse em que o discurso de que o futebol é um espaço para todos se faz perigoso. Uma vez que o movimento neonazista vem crescendo graças ao avanço de partidos de extrema direita na Europa, casos racistas e xenófobos advindos das arquibancadas tendem a tornarem-se cada vez mais frequentes.

Bibliografia

CALLEJA, Eduardo G. El Real Madrid, ¿equipo de España? Fútbol e identidades durante el franquismo. *Política y Sociedad*, Vol 51, Núm. 2: 275-296

Constitución española; Agencia Estatal Oficial del Estado, Madrid, 1978. Disponível em <<https://www.boe.es/legislacion/documentos/ConstitucionCASTELLANO.pdf>> Acesso em 01/11/2019 às 21:10

CORNELSEN, E. L. Cenas políticas de um Mundial: A Copa da Rússia e o universo dos Balcãs. Disponível em <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/copa-da-russia-balcas/>> Acesso em 08/10/19 às 22:45

Cortes Espanholas. In Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Cortes_Espa%C3%B1olas> Acesso em 01/10 às 21:30

Ditadura Primo de Rivera. In Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_de_Primo_de_Rivera> Acesso em 23/09 às 23:10

DIXON, Leticia. Spanish Civil War. Disponível em <<https://www.britannica.com/event/Spanish-Civil-War>> Acesso em 24/09 às 00:05

Francoist Spain. In Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Francoist_Spain> Acesso em 01/10 às 20:50

Guerra Civil Espanhola. In Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_Espanhola> Acesso em 23/09 às 23:50

Hooligan's TV. Ultras Sur: The Glorious History. Disponível em <<http://hooliganstv.com/ultras-sur-the-glorious-history/>> Acesso em 05/11/19 às 19:55

Lei orgânica do Estado espanhol nº 9/janeiro de 1967. Disponível em <<https://www.boe.es/boe/dias/1967/01/11/pdfs/A00466-00477.pdf>> Acesso em 01/10 às 21:40

LÓPEZ, Lúcia P. The Nation's Game: Football and Nationalism in Spain. In HEYNES, KIERNAN. Football and its Communities. Oxford, Inter-Disciplinary Press, 2012, pp. 83-94.

MAGALHÃES, Livia. Futebol em Tempos de Ditadura Civil-Militar in Anais do XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH. São Paulo, 2011. Disponível em <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300850798_ARQUIVO_MagalhaesLiviaANPUH2011.pdf> Acesso em 22/10/19 às 19:30

MENDES, Maria. Esportes mais populares do mundo; Guia Estudo. Disponível em <<https://www.guiaestudo.com.br/esportes-mais-populares-do-mundo>> Acesso em 17 de outubro de 2019 às 11:15.

PEREIRA, Lara. Ultras da Lazio são a face da nova política italiana e também da Europa. Disponível em <<https://medium.com/@laracpereira/ultras-da-lazio-s%C3%A3o-a-face-da-nova-pol%C3%ADtica-italiana-e-tamb%C3%A9m-da-europa-ad54cef08749>> Acesso em 17/10/19 às 11:35

ROJO-LABAIEN, Ekain. Football as a Reflection of Modern Society's Conflicts and a way of creating societal ties in enduring enmity context. In International Journey of Science Culture and

Sport, Junho 2014. Disponível em <<https://dergipark.org.tr/tr/download/article-file/91631>> Acesso em 18/10/19 às 10:25

SALAS, Antonio. Diário de um Skinhead: Um infiltrado no movimento neonazista. São Paulo: Editora Planeta, 2006

Segunda República Espanhola. In Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Rep%C3%BAblica_Espanhola> Acesso em 25/09 às 23:20

SPAAIJ, Ramon. Mens like us, Boys like them: Violence, Masculinity and Collective Identity in Football Hooliganism. In Journal of Sport and Social Issues, novembro 2008, pp. 369 – 392

SPAAIJ, Ramon. Understanding football hooliganism: a comparison of six Western European football clubs. Amsterdam: Vossiuspers, 2007

SPAAIJ, R. e VINÃS, C. Passion, politics and Violence: A social historic analysis of Spanish Ultras in Soccer and Society, vol. 6, nº 1, março 2005, pp. 79-96. Disponível em <<https://static1.squarespace.com/static/56bab5eb20c64753944c8bb2/t/572fe9451bbee07454ddf72e/1462757703951/SOCCERANDSOCIETY2005.pdf>> Acesso em 18/10/19 às 9:30

WESTBY, David. Ultras in Spain: A Study on the Relationship Between Macro-level Cleavages and Micro-level Actors. Massachusetts, Tufts University press, 2017.

26 pontos falangistas. Disponível em <<https://bibliotecaintegralista.wordpress.com/2016/12/29/os-26-pontos-da-falange-espanhola/>> Acesso em 25/09 às 23:55